

"NÃO É UM TRABALHO QUE ME CONSTRÓI, MAS UM EMPREGO QUE ME DÁ SUSTENTO": AVALIAÇÃO DOS SOFRIMENTOS PSÍQUICO-SOCIAIS DO DESEMPREGADO.

Débora Vargas Ferreira Costa

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

Renan Gomes de Moura

Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

Kátia Aparecida dos Santos

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Rejane Prevot Nascimento

Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

Maria Nair Rodrigues Salvá

Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

José Geraldo Corrêa

Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

RESUMO

A Organização Mundial do Trabalho estima que a taxa de pessoas desocupadas em 2016 na América Latina suba para 6,9%. Segundo Cardoso (2004), as consequências da falta de ocupação na vida do indivíduo atingem problemas não só de ordem financeira, mas também de ordem social, familiar e pessoal, causando possíveis danos profissionais e psíquicos. O indivíduo que se encontra desempregado passa ainda por um processo de dessocialização que culmina em um intenso sofrimento (DEJOURS, 1999). O objetivo do presente artigo é compreender as consequências psicossociais do desemprego para os trabalhadores desempregados. Para isso utilizou de uma metodologia de caráter multimétodos. A primeira etapa teve caráter quantitativo, onde buscou evidenciar quais consequências psicossociais ocorriam com maior frequência e com qual intensidade ocorriam entre a população determinada. Após o tratamento estatístico dos dados, realizou-se uma nova pesquisa, porém de caráter qualitativo, onde realizaram-se entrevistas com sujeitos desempregados. O instrumento de coleta foi um roteiro semiestruturado baseado nos resultados obtidos na pesquisa quantitativa. Os resultados demonstram que o trabalhador desempregado é passível de perturbações psíquicas decorrentes do fenômeno social denominado desemprego, apresentando sintomas como insegurança, estresse, vergonha, tristeza, ansiedade, desânimo e medo. Por outro lado, o desemprego também compromete aspectos sociais da vida do indivíduo tais como capacidade de fazer novas amizades, esquiva do contato, exclusão social, e comprometimento do relacionamento interpessoal no âmbito familiar.

Palavras-chave: Centralidade do trabalho, desemprego, sofrimento psíquico-social.

INTRODUÇÃO

Não se deve olhar a Revolução Industrial como um acontecimento histórico que deve permanecer nos livros de História. Mas sim como um acontecimento crítico e causador de profundas mudanças no mundo do trabalho, não afetando somente o modo de produção, mas sim todas as questões envolvidas nesse quadro socioeconômico. Ressalta-se que essas transformações são refletidas ainda na contemporaneidade, que atrelada a outras variáveis, resultam em um alto índice de desemprego.

Anterior ao desemprego está a importância do trabalho na vida do indivíduo, pois “[...] o trabalho não gera apenas produtos econômicos, mas gera também consequências na identidade do sujeito” (MACEDO, 1992, p. 62). Segundo Antunes (1999), o trabalho ocupa o status de princípio básico da atividade do homem, onde sua ausência pode ser enxergada por aquele que a vivencia como uma impossibilidade de se construir como um ser produtor de si e do meio ao qual está inserido, tornando-se sinônimo de sofrimento. Assim sendo, verifica-se que o trabalho é responsável por várias alterações na vida do indivíduo.

Hayes e Nutman (1981) relatam que cada indivíduo acrescenta um significado diferente para o trabalho, dependendo da função e da importância que a ele lhe atribui. Os autores evidenciam ainda que o desemprego tem significados diferentes para a classe média e para o proletariado. Para a primeira, o trabalho é a fonte do sentido da vida; já para a segunda, é a fonte de renda, sendo uma atividade que ajuda a fugir do tédio.

As altas taxas de desemprego, responsáveis pela ampliação do trabalho informal, tem gerado consequências como a precarização e a deterioração do trabalho (SINGER, 2001). A Organização Mundial do Trabalho estima que a taxa de pessoas desocupadas em 2016 na América Latina suba para 6,9%. Segundo Cardoso (2004), as consequências da falta de ocupação na vida do indivíduo atingem problemas não só de ordem financeira, mas também de ordem social, familiar e pessoal, causando possíveis danos profissionais e psíquicos. O indivíduo que se encontra desempregado passa ainda por um processo de dessocialização que culmina em um intenso sofrimento (DEJOURS, 1999). Diante do exposto, o presente artigo partiu da seguinte pergunta de pesquisa: Quais são as consequências psicossociais do desemprego na vida dos indivíduos que se encontram desempregados?

A fim de responder à pergunta proposta, o objetivo do estudo concentrou-se em compreender as consequências psicossociais do desemprego para os trabalhadores desempregados. O artigo está estruturado em cinco seções, contando com esta introdução. A próxima está dedicada a apresentar o que foi levantado na revisão da literatura. Em seguida, são explicitados os procedimentos metodológicos adotados. A quarta seção expõe e analisa os dados levantados na pesquisa. Por fim, são apresentadas as considerações finais do estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Desprezo ou o Fim do Trabalho no Mundo Capitalista Contemporâneo?

O papel principal atribuído ao trabalho, nos tempos modernos, é o de colocar a espécie humana no comando de seu próprio destino, na qualidade de “condição natural do ser humano”, através de um esforço coletivo (BAUMAN, 2004, p. 158). Porém a unificação do mundo, ao final do século XX, impõe-se à maior parte da humanidade como uma globalização perversa, considerando-se que “a globalização mata a noção de solidariedade. Devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada (SANTOS, 2010, p. 66).

Segundo Sennett (2007), o destaque dado à flexibilização promoveu a mudança da rotina cega do trabalhador, atacando a burocracia rígida, enfatizando os riscos e as mudanças a curto prazo através da imposição de novos controles, sustentando, desta forma, a “jaula de ferro” da cultura do novo capitalismo.

Desde a época de Marx, a instabilidade pode parecer a única constante do capitalismo. As turbulências dos mercados, a dança apressada dos investidores, a súbita ascensão, o colapso e o movimento das fábricas, a migração em massa de trabalhadores em busca de melhores empregos ou de qualquer emprego [...] Hoje, a economia moderna parece cheia apenas dessa energia instável, em decorrência da disseminação global da produção, dos mercados e das finanças e dos adventos de novas tecnologias (SENNETT, 2006, pp. 23-24).

Devido às metamorfoses ocorridas no processo de produção de capital é que a perda ou a retração da centralidade do trabalho é tema recorrente, na busca do sentido estruturante do ser social no mundo contemporâneo.

Essas consequências no interior do mundo do trabalho evidenciam que, sob o capitalismo, não se constata o fim do trabalho como medida de valor, mas uma mudança qualitativa, dada, por um lado, pelo peso crescente da sua dimensão mais qualificada do trabalho multifuncional, do operário apto a operar com máquinas informatizadas, da objetivação de atividades cerebrais (ANTUNES, 2008, p. 199).

Dejours e Bègue (2010) fazem uma abordagem crítica a respeito das transformações ocorridas na organização do trabalho desde a década de 1980 até os dias atuais, que teve como consequências a desestruturação dos coletivos do trabalho, a solidão do trabalhador contemporâneo, os privilégios aferidos pela gestão, a psicodinâmica do reconhecimento, a noção de qualidade total e os impactos deste novo processo no modo de vida dos trabalhadores.

Dejours (2012) salienta a iminência do fim do trabalho, através da existência de um poder imaginário social contemporâneo que, encantado pela economia virtual, celebra um mundo reduzido a ser apenas coisa de gestores. Gaulejac (2007, p. 29) observa que “a gestão não é um mal em si. É legítimo organizar o mundo, racionalizar a produção, preocupar-se com a rentabilidade”. Ressalta-se a representação do eu na vida cotidiana, citada por Goffman (2009), através do desempenho de um papel pelo indivíduo perante a sociedade. Segundo Le Breton (2007, p. 77), “a maneira quotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias [...] tem relação com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do ator”.

Portanto, a compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários, faz-se necessário para analisar a dinâmica entre sofrimento, prazer e trabalho/emprego, ou a falta deste, na qualidade de fatores essenciais à construção da identidade do indivíduo.

2.2 O Desemprego, Fenômeno Social Contemporâneo

Segundo Singer (1996), o emprego é resultado de um contrato pelo qual o empregador compra a força de trabalho ou a capacidade de produzir do empregado. O trabalhador oferece sua própria mercadoria, sua capacidade de produzir, e se este se enquadra no perfil que o empregador demanda, então recebe o preço da mercadoria (o salário).

Para Abs e Monteiro (2010), o desemprego é um fenômeno que surge a partir de 1930. Ele se torna complexo com as novas tecnologias, a reestruturação produtiva, o trabalho informal e a mudança do perfil do trabalhador, tornando-se de difícil definição. Já na década de 80, verifica-se o início da efetiva participação das mulheres no mercado de trabalho e a crescente migração da população rural para as metrópoles, então, devido ao grande número de pessoas à procura de trabalho, acaba deteriorando a distribuição de renda e aumentando o baixo nível social.

Diante de um mercado de trabalho pouco estruturado e com diversas formas de ingresso, esses trabalhadores quando não encontram um trabalho formal, acabam realizando algum tipo de ocupação informal, permanecendo por pouco tempo nas estatísticas de desemprego (DEDECA, 1998).

Do ponto de vista econômico, esses casos podem representar por um lado, subaproveitamento ou mesmo desperdício do potencial humano e, por outro lado, afastamento de uma quantidade significativa de indivíduos dos processos produtivos, com reflexo na diminuição do poder de compra (CALEIRAS, 2004). É neste sentido que Minguione (1998) demonstra que a crise do emprego se transforma em crise social.

De maneira complementar, segundo Menezes (2001), o atraso na evolução educacional, causado em parte pela diminuição no ritmo de passagem do ensino médio para o ensino superior nas gerações mais recentes e em parte pela evasão escolar entre os mais pobres, que abandonam o sistema antes de concluir o ensino fundamental, tem como obstáculos a falta de recursos, a falta de tempo ou mesmo ausência de interesses. Nesse contexto, o aprofundamento do ensino torna-se um fator determinante para diminuir a disparidade de renda, visto que no Brasil, percebe-se ainda que apesar das outras formas de ascensão social, quanto mais educação se tem, mais possibilidade de empregabilidade existe (SOUZA, 2004).

Singer (2001), evidencia que frente às inúmeras transformações observadas tem-se o estabelecimento de novas formas de contrato de trabalho, aceleradas mudanças tecnológicas e ampliação das competências exigidas, trazendo uma nova realidade para o trabalho e para o trabalhador, aumentando ainda mais as taxas de desemprego. Em contrapartida, os grandes empreendedores têm buscado cortar custos e operar em nível global e, ainda que existam fiscalizações e sindicatos, procuram lugares onde o custo com trabalhadores seja menor, onde não há exacerbada fiscalização aos impostos e à carga horária de trabalho, visando sempre o capital.

Segundo Azevedo *et al.* (1998), esse cenário tem contribuído para as empresas obterem um aumento real em seus lucros, junto a um crescimento sistemático da precarização do trabalho. Bajoit e Franssen (1996), relatam que o trabalho tem uma dimensão instrumental (ganhar a vida) e apesar de seu caráter “penoso”, comporta também uma forte dimensão expressiva (realizar-se social e pessoalmente). Destaca-se, por fim, que ao lado do salário, que é um critério importante que justifica o ato de trabalhar e que não pode ser desconsiderado, estão outros fatores como “gostar do trabalho”, “se sentir bem” e “estar num bom ambiente”.

2.3 Impactos Psíquico-Sociais do Desemprego para o Indivíduo

Segundo Krawulski (1991), os aspectos biológicos e psicológicos, em conjunto, conferem ao trabalho um caráter sociológico, na medida em que indivíduos e grupos se congregam no esforço comum, favorecendo o progresso e os vínculos de cooperação e solidariedade.

Para Ford (1922, p.299), “o primeiro princípio moral é o direito do homem ao seu trabalho”. O autor defende que cada ser humano nasce com necessidade de experienciar valores mais elevados. Com isso, o trabalho pode ser entendido como meio de proporcionar a satisfação das necessidades e também de permitir a busca da autorrealização (MASLOW, 1977).

Por outro lado, Magalhães (2012), relata que o trabalho também pode se tornar fonte de adoecimento. Estudos apontam que no Brasil os transtornos mentais e de comportamentos representaram a terceira causa de afastamentos do trabalho em 2011, outras 181 mil pessoas receberam da Previdência Social o auxílio-doença devido a problemas com depressão e ansiedade exagerada no trabalho.

Conforme Jaques (1999), a falta de trabalho ou a inatividade repercute em uma dimensão tanto subjetiva quanto social, que vai além dos dados estatísticos e parâmetros econômicos e que não atingem somente a ordem financeira, mas social, pessoal e familiar.

Quando o desemprego é estendido por longo período, causa sofrimentos aos que estão à procura por uma vaga num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente. Álvaro (1992), afirma que na falta de uma ocupação, quanto maior o tempo ocioso, maior é o sofrimento, a falta de confiança em si mesmo, a insatisfação e o sentimento de impotência, a deterioração do bem-estar físico e mental, bem como a ocorrência de desagregação social e até mesmo sentimento de insatisfação com a vida.

Ao trabalho humano são atribuídos diversos significados, comportando uma gama de sentidos que vão do individual ao social, referindo-se à subsistência, à estruturação da personalidade, subjetividade e identidade, tornando-se assim um importante ator na esfera da vida (ARAÚJO e ARGOLLO, 2004).

Hayes e Nutman (1981) compartilham dessa ideia quando colocam que a imagem que o indivíduo tem de si mesmo é alimentada, e mantida, pelas suas realizações sociais, pela maneira como julga que os outros o veem. Assim, é no relacionamento com o outro, nas atividades sociais que o homem se conhece e constrói sua identidade. Ou seja, como o trabalho é fonte constante de relacionamento social, representa uma fonte importante para a construção da identidade, e qualquer alteração na relação do indivíduo com este trabalho, afeta sua identidade e sua autoimagem. Existe uma grande variedade de reações psicológicas frente à ociosidade, tais como depressão, ansiedade, sintomas psicossomáticos, alcoolismo, entre outros. Pode-se destacar, ainda, outros fatores que causam danos psicológicos relacionados à situação do desemprego, tais como: situação financeira, recompensas que o trabalho trazia, históricos psicológicos, fatos ocorridos nos últimos tempos, dentre outros.

Chahad (2005) destaca que esses efeitos são revertidos quando o indivíduo consegue uma recolocação no mercado, porém, quanto mais tempo for o desemprego, mais lenta é esta recuperação e mais difícil será a adaptação, pois sua volta após certo tempo perante o desemprego exige uma nova transição, assim como readequação em suas eficiências.

3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza multimétodos, com a finalidade de compreender as consequências psicossociais do desemprego para os trabalhadores desocupados. A coleta dos dados foi dividida em duas etapas: a primeira quantitativa e a segunda qualitativa.

Na primeira etapa para coleta de dados foi utilizado um questionário contendo 13 perguntas, a fim de avaliar o “Impacto Psíquico” e o “Impacto Social” do indivíduo em situação de desemprego. Para tanto, avaliaram-se os seguintes fatores: insegurança, estresse,

vergonha, culpa, tristeza, diminuição da autoestima, aumento da ansiedade, medo, desesperança, dificuldade em fazer e manter novas amizades, pressão familiar, privação da diversão, e esquiva do contato social.

O universo pesquisado constitui-se de trabalhadores desempregados. Os questionários foram aplicados em duas agências do Sistema Nacional de Empregos (SINE), nas cidades de Barbacena e Juiz de Fora. O instrumento foi aplicado de forma individual, totalizando 134 sujeitos, todos eles estavam procurando emprego e já haviam tido alguma experiência de trabalho anterior. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva, através de gráficos e tabelas.

A segunda etapa do levantamento dos dados foi feita de forma qualitativa, por meio de entrevista longa (McCRAKEN, 1988), justificando a escolha do método por se tratar de um tipo de entrevista em profundidade. Os dados foram coletados por meio de pesquisa de campo, através de roteiro semiestruturado de entrevista, composto por 21 tópicos guia, elaborado com base na literatura sobre o tema e sobre os resultados quantitativos da primeira etapa da coleta de dados. O roteiro foi previamente testado, através da realização de entrevistas piloto. As entrevistas duraram cerca de 40 a 80 minutos. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, assegurando-se a confidencialidade e sigilo dos entrevistados convidados.

De acordo com Bauer e Aarts (2002), em pesquisa qualitativa não se pode estimar um tamanho ideal de corpus. No entanto, foram realizadas oito entrevistas, o que possibilitou a identificação, conforme sugere Gaskell (2002), da apresentação das semelhanças e não fornecimento de mais subsídios necessários à compreensão do fenômeno. Para efeito de organização, as perguntas foram agrupadas em quatro categorias com os seguintes escopos:

- Características do Indivíduo: Buscou-se dados sobre a vida dos respondentes, seu cotidiano e a maneira como sua dinâmica familiar se organiza.
- Relação do sujeito com o Trabalho: Buscou-se compreender o significado e o lugar que o trabalho ocupa na vida destes indivíduos, colhendo a sua leitura em relação ao emprego. Verificou-se também sobre os sentimentos em relação ao desemprego.
- Sofrimento Psíquico em relação à situação de desemprego: Procurou-se conhecer se existe algum sofrimento psíquico por conta da situação de desemprego e como esse sentimento se apresenta para o indivíduo.
- Sofrimento Social em relação à situação de desemprego: Procurou-se conhecer se existe algum sofrimento social por conta do desemprego e se esta situação promove ao sujeito problema de convívio com outras pessoas.

A escolha do método de análise do conteúdo deve-se ao fato dos estudos se basearem em procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, com apuração das “descrições de conteúdo mais aproximativas, subjetivas, para pôr em evidência com objetividade a natureza e as forças relativas dos estímulos a que o sujeito é submetido” (BARDIN, 1977, p. 31). Os dados da presente pesquisa foram coletados entre agosto e dezembro de 2015.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A presente seção tem a finalidade de apresentar os resultados da pesquisa, de acordo com as categorias definidas a priori e as emergentes mais relevantes, trabalhadas no estudo.

4.1 Primeira etapa da pesquisa – levantamento quantitativo

Inicialmente, para apresentar o perfil dos entrevistados, os dados foram tabulados e os resultados representados em gráficos. Paralelamente, uma escala foi construída acerca das experiências de sofrimento associadas ao desemprego. A escala permite avaliar cada um dos itens questionados em cinco níveis de resposta, quais sejam: 1 (Nunca), 2 (Raramente), 3 (Às vezes), 4 (Frequentemente) e 5 (Sempre).

Neste contexto, foram realizadas 134 entrevistas objetivas, com sujeitos desempregados que já haviam tido, pelo menos, uma experiência de trabalho anterior. As figuras 01, 02, 03, 04, 05 e 06 a seguir, apresentam a distribuição do perfil dos entrevistados.

Figura 01: Faixa Etária

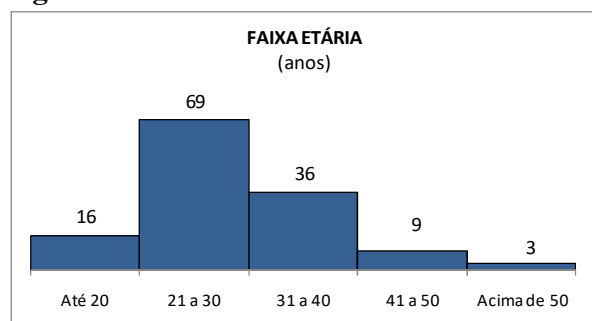


Figura 02: Sexo

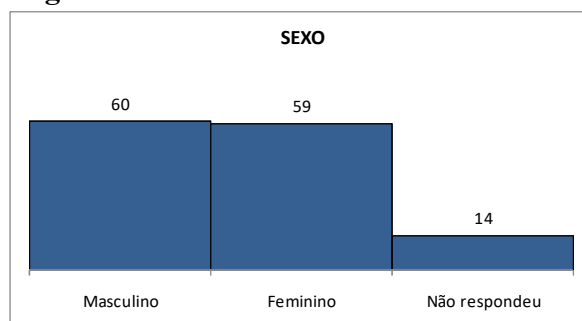


Figura 03: Escolaridade

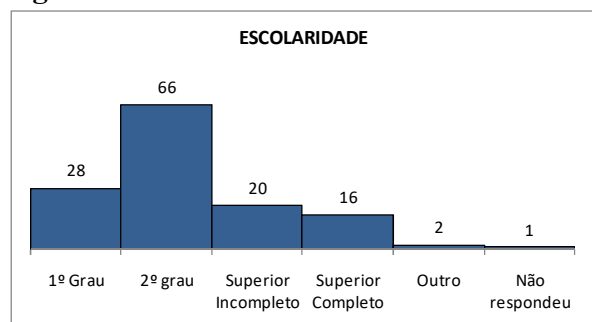


Figura 04: Estado Civil

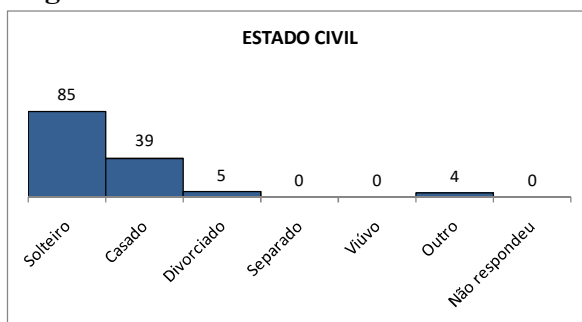


Figura 05: Quantidade de Filhos

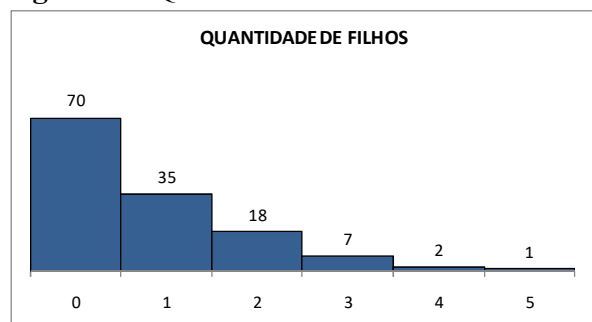
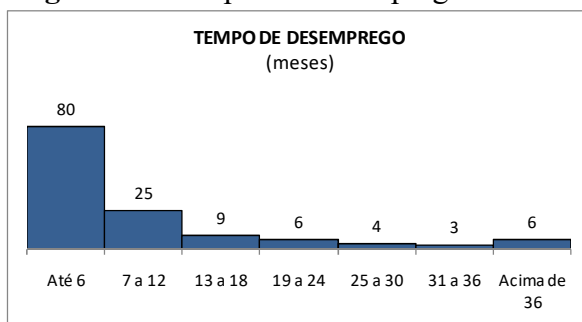


Figura 06: Tempo de Desemprego



Com base nos dados levantados, transcritos nas figuras 01, 02, 03, 04, 05 e 06, observa-se que os desempregados entrevistados encontram-se predominantemente (78,9%) na faixa etária de 21 a 40 anos, distribuídos – excluindo-se os que não responderam – na mesma proporção entre os sexos masculino (50,4%) e feminino (49,6%), tendo a maior parte (70,7%) escolaridade até o ensino fundamental (2º grau), solteiros (63,9%), com até 1 filho (78,9%) e com tempo médio de 10 meses de desemprego, concentrados grande parte (60,2%) com até 6 meses de desemprego.

O desenvolvimento da pesquisa tomou como base a construção de dois índices, a saber: um para medir o “Sofrimento Psíquico” e um para medir o “Sofrimento Social”. Cada um dos índices foi calculado somando-se a pontuação das respostas em cada questionário e dividindo o resultado pelo total de pontos possíveis, ou seja, foi dado 1 ponto para avaliação “NUNCA”, 2 pontos para avaliação “RARAMENTE”, 3 pontos para “ÀS VEZES”, 4 pontos para “FREQUENTEMENTE” e 5 pontos para “SEMPRE”. Assim, para uma resposta “NUNCA”, o índice de sofrimento é de 1/5 ou 20%.

Com base nas respostas obtidas, as questões foram agrupadas para formar cada um dos dois índices de sofrimento, cujos resultados estão expressos na Tabela 01.

Tabela 01: Índice de Sofrimento

ÍNDICE	Pontos Obtidos	Pontos Possíveis	Resultado
Impacto Psíquico	3.432	5.320	64,5%
Impacto Social	1.330	3.325	40,0%
Total	4.762	8.645	55,1%

Fonte: dados da pesquisa

A Tabela 01 apresenta informações importantes como: a) o impacto do sofrimento psíquico (64,5%) apresentou-se maior que o do sofrimento social (40,0%); b) apesar de o questionário apresentar fatores negativos, as respostas obtidas mostraram um índice de sofrimento médio de 55,1%.

Tabela 02: Avaliação das questões de sofrimento

Fator	Questão	Pontos Obtidos	Pontos Possíveis	Índice
Sofrimento Psíquico	Por não estar trabalhando sinto-me inseguro.	462	665	69,5%
	Depois que perdi o emprego percebi que fiquei mais estressado.	395	665	59,4%
	Sinto-me envergonhado porque gostaria de estar ajudando nas despesas de casa.	453	665	68,1%
	Tenho me sentido muito triste porque não estou trabalhando.	458	665	68,9%
	Minha ansiedade aumentou porque estou sem trabalho.	429	665	64,5%
	Tenho medo de não conseguir arrumar um trabalho.	409	665	61,5%
	A dificuldade de arrumar emprego tem me deixado desanimado.	404	665	60,8%
	Quanto mais tempo eu fico desempregado maior é a minha angústia.	422	665	63,5%

Sofrimento Social	É difícil fazer novas amizades quando se está desempregado.	336	665	50,5%
	Percebo que os colegas de trabalho anterior evitam contato comigo.	246	665	37,0%
	Percebo que familiares perderam a confiança em mim.	233	665	35,0%
	Tenho evitado lugares que eu possa encontrar ex-colegas de trabalho.	274	665	41,2%
	Tenho evitado me encontrar com amigos.	241	665	36,2%

Fonte: dados da pesquisa

Conforme apresentado na Tabela 02, os fatores de maior índice de sofrimento estão relacionados à insegurança (69,5%), para o sofrimento psíquico, e à dificuldade de fazer novas amizades (50,5%), dentre os fatores de sofrimento social. Já os fatores de menor índice de sofrimento estão relacionados ao nível de estresse (59,4%), para o sofrimento psíquico, e à perda de confiança da família (35,0%), para o sofrimento social. Logo, pode se perceber que o fator relacionado aos sofrimentos internos tem impactos maiores que os sofrimentos sociais, apesar dos resultados não se encontrarem tão discrepantes.

De acordo com Cardoso (2004), as consequências do desemprego na vida do indivíduo, como visto nos resultados, atingem não somente questões de ordem financeira, mas de ordem social, pessoal e familiar, influenciando ainda em sua identidade profissional e psicológica. Este estudo aponta que o indivíduo, ao não conseguir emprego, passa por um processo de dessocialização, causador de sofrimento psíquico (tristeza, insegurança, ansiedade, desânimo, estresse e medo) e social (evita contatos com colegas, não se faz amizades, perdem a confiança entre familiares e evita lugares onde há conhecidos).

No entanto, a insegurança mencionada no sofrimento psíquico ocorre devido ao medo de não encontrar um novo emprego ou de ficar por um longo período sem trabalho. Apesar de o fator estresse ter sido percebido, porém em menor índice, pode-se destacar que, nos casos relatados foi exposto que o trabalho era fonte de estresse, mas não a falta de emprego. Já no sofrimento social, foi mencionada, em maior índice, a dificuldade de fazer novas amizades, devido à falta de dinheiro para encontros sociais; e em menor índice a perda da confiança da família, que passa a achar que o desempregado não quer trabalhar.

Foram feitos cruzamentos entre os comportamentos das variáveis de perfil dos entrevistados e os resultados das avaliações quanto à percepção de sofrimento, com o intuito de verificar a existência ou não de alguma relação entre eles, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 01: Avaliação do sofrimento por tempo de desemprego, idade sexo e estado civil.

Tempo Desemprego		Idade		Sexo		Estado Civil	
Meses	IGS	Anos	IGS	Classe	IGS	Classe	IGS
Até 6	49%	Até 20	53%	Feminino	55%	Casado	56%
7 a 12	64%	21 a 30	55%	Masculino	54%	Divorciado	70%
13 a 18	70%	31 a 40	55%	NR	59%	Solteiro	54%
19 a 24	58%	41 a 50	56%			Outro	54%
25 a 30	57%	Mais de 50	68%				
31 a 36	77%						
Mais de 36	61%						

Legenda: IGS – Índice Geral de Sofrimento; NR – Não Respondeu.

No que tange ao item “tempo de desemprego”, pode-se observar que, de acordo com o Quadro 01, o menor índice de sofrimento total (IST), com 49%, foi apresentado pelos entrevistados com até 6 meses de desemprego. De maneira complementar, nota-se que não há uma tendência linear assumida com o aumento do tempo de desemprego, destacando apenas o período de 31 a 36 meses, que apresentou maior IST (77%). Diante do cenário observado nota-se que, quanto mais extenso for o tempo do desemprego, maior pode ser a deterioração sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores. Pode-se perceber que o desempregado com 19 a 24 meses e 25 a 30 meses tem-se uma diminuição do sofrimento, podendo ser porque tais desempregados acham que não irão mais conseguir emprego, ficando desanimados e acostumados com a situação.

Quanto à relação do fator “idade” com o IST, da mesma forma que a variável tempo de desemprego, não se observa significativa variabilidade do IST entre as faixas estabelecidas, assumindo o grupo de entrevistados com menos de 20 anos, o menor IST médio (53%), que pode estar relacionado pelas inúmeras possibilidades ainda existentes para esta faixa etária; já no grupo com mais de 50 anos, observa-se o maior IST médio. Pode-se destacar ainda que as empresas, nas decisões de contratação ou manutenção de seus funcionários, têm considerado a idade, dentre outros fatores como saúde/doença, desconsiderando a bagagem de informações que este profissional já tem ou deveria ter consigo, decorrente do tempo de profissão. O quesito idade tem tido um peso significativo nos processos de seleção, tendo um forte impacto no desemprego de pessoas com faixa etária mais elevada. Mesmo utilizando-se de um questionário objetivo, durante a pesquisa houve vários sujeitos da amostra demonstrando uma necessidade de falar sobre as influências da idade relacionadas ao desemprego. Segundo Silva (2006), em um estudo semelhante realizado no Distrito Federal, alguns participantes choraram e não se contentaram em responder somente o questionário, ficando evidenciada a necessidade de “desabafar”.

Avaliando a variável “sexo”, conforme apresentado no Quadro 03, nota-se que não há variação significativa entre o comportamento dos entrevistados dos sexos feminino e masculino quanto ao IGS. O grupo de entrevistados do sexo feminino apresenta-se com maior IGS (55%), mas apenas 10% acima da avaliação do grupo masculino (45%). Não demonstrando nenhum sofrimento expressivo relacionados ao sexo.

Já para o fator “estado civil”, pode-se verificar que, apesar do resultado linear entre quase todas as classificações, o resultado apresentado pelos entrevistados divorciados destaca-se por ter o maior IGS (70%), 14% acima do segundo maior índice com 56%. Deve-se destacar, ainda, que esse resultado é impactado diretamente pela avaliação do sofrimento psíquico desse grupo de indivíduos, que apresentou o maior índice de sofrimento psíquico (83%) dentre todas as categorias avaliadas. Tal cenário pode estar relacionado a um sofrimento e sensibilidade já existente, tornando-se mais agravante diante do desemprego, pois a família possui um grande significado para o trabalhador desempregado. Não podendo desconsiderar que no caso dos homens a pensão alimentícia quando se tem filho(s) é um fator preocupante e no caso das mulheres a dependência inteiramente desta ou mesmo do ex-marido, também pode justificar esse sofrimento.

Nesse contexto, os aspectos avaliados de maneira geral, demonstram dados lineares no que se refere ao sexo, tempo de desemprego e idade; destacando apenas o estado civil (divorciado), que sugere ser a família um fator de extrema importância e significado para esse trabalhador desempregado.

De maneira geral, percebe-se que o desemprego deteriora os aspectos sociais, morais e psicológicos do trabalhador, bem como a formação de sua identidade (social e ocupacional), capaz de acarretar consequências negativas na vida do trabalhador desempregado.

4.2 Segunda etapa da pesquisa – entrevistas em profundidade

Na segunda parte da análise, será apresentado os dados das entrevistas em profundidade da pesquisa. Para melhor compreensão das informações, a exposição será feita dividida em quatro categorias.

4.2.1 Categoria 01: Características do indivíduo

De uma forma unânime, todos os entrevistados foram desligados do seu último emprego, comentam sobre o sentimento de injustiça ao pensar no momento de desligamento e sinalizaram um incômodo com a situação de desemprego. Relatam procurar emprego de forma constante, sentir vergonha da condição de desempregado, privação em relação às necessidades e receio do futuro.

Em relação ao contexto familiar, dos 8 entrevistados, apenas dois não tem filhos, porém todos são casados e tem compromissos e responsabilidades com a família.

No quesito escolaridade, 6 sujeitos têm ensino superior, alguns com especialização e mestrado em curso e os outros dois tem 2º grau completo e incompleto. A idade dos entrevistados está entre 20 a 55 anos e 6 pessoas são mulheres e 2 são homens.

Nas próximas categorias será evidenciado, de forma mais profunda, os sentimentos dos sujeitos e como o trabalho se apresenta na vida das pessoas.

4.2.2 Categoria 02: Relação do sujeito com o trabalho

Esta categoria reserva espaço para a apresentação de como os entrevistados se vêm na sua relação cotidiana para com o trabalho. Nela concentram-se a importância e a razão de ser do trabalho registradas nas entrevistas realizadas em profundidade. Segundo Dejours (2007), a sociedade capitalista atual gera uma exaltação do trabalho que o coloca no centro das atenções das pessoas. Essa valorização exacerbada do trabalho representa, muitas vezes, a inclusão ou exclusão social dos indivíduos:

O Trabalho é fundamental na vida dos indivíduos, porque às vezes você quer sair e não tem dinheiro! Puxa, o trabalho é fundamental para qualquer um, porque tudo o que você quer fazer depende de dinheiro. (E4).

[...] Então o trabalho para mim é tudo, eu pegaria qualquer coisa, independentemente de ser carteira assinada ou não (E3).

Eu vejo o trabalho como uma oportunidade de adquirir uma renda, pra comer, pra viver. As contas chegam, não é? Trabalho pra mim é um meio de vida. É um meio de sobrevivência. Quando estou trabalhando, me sinto bem. Acordo sem precisar de despertador. Muda minha rotina. Fico mais tranquila, melhor [...] (E1).

Eu acho que o trabalho te dá sentimento de utilidade. Então, eu acho que o trabalho, ele tem um papel fundamental de dar um sentimento de utilidade para a pessoa, de importância, de fazer parte de algo que você constrói. Na

verdade, quando você faz parte de um projeto, têm suas metas, você vai construindo aquilo com o tempo, isso te estimula, te dá um... é um agente motivador (E7).

Os trechos acima demonstram o nível de importância do trabalho para a vida das pessoas. Estar trabalhando significa, uma pré-condição para se ter um auto sentimento de bem-estar e de aceitação social. Por mais que se presencie atualmente uma realidade de escassez de empregos, segundo Forrester (1996), um desempregado hoje é reconhecido e tratado de uma forma marginalizada com a mesma ótica usada no tempo dos empregos fartos. Gaulejac (2014) reforça essa realidade quando considera que a fragilidade das relações contemporâneas de empregos torna os indivíduos vulneráveis para existirem socialmente. Abaixo, seguem outras evidências, oriundas das entrevistas, que bem caracterizam este cenário:

Na verdade, o meu desligamento, ele foi em função da terceirização de toda minha atividade, por uma empresa mundial nessa área. Terceirizaram, em primeiro movimento, a Europa, botaram toda gestão da área para um terceiro e agora na América Latina [...] (E7).

O primeiro sentimento, na verdade, foi de injustiça, da empresa me dar somente 40 dias, 50 dias, para eu poder me realocar em um período econômico muito ruim para o Brasil, e um período muito ruim que é o final do ano[...] (E7).

Eu acho que o trabalho tem essa função de fazer com que você se sinta útil, se torne parte de algo maior do que você, e além dos seus laços sociais já que boa parte das suas amizades, dos seus colegas, fica no trabalho, em função da sua convivência diária (E1).

A palavra desemprego, inerentemente na minha cabeça está vinculada à vergonha. Então, estar desempregado é uma vergonha (E7).

Pode-se perceber na análise da categoria “Relação do Sujeito com o Trabalho”, estabelecida na presente pesquisa, leva à uma confirmação da intensidade da participação do trabalho na vida das pessoas. Muitas vezes, a ênfase dada pelos entrevistados levou à interpretação que não estar trabalhando significa estar parcialmente vivo. Este suposto credo é, portanto, um condicionamento social interiorizado pelas pessoas, levando-as ao sofrimento quando se encontram na condição de desempregados.

4.2.3 Categoria 03: Sofrimento psíquico em relação à situação de desemprego

Evidenciou-se, nas entrevistas, a maximização da ocorrência de sofrimentos relacionados à insegurança e ao estresse, devido ao medo de não encontrar um novo emprego ou de ficar por um longo período sem trabalho, aspectos estes biológicos e psicológicos, tal como configura Krwulski (1991), comprometendo, desta forma, o progresso e os vínculos de cooperação e solidariedade do indivíduo. Corrobora Álvaro (1992) que a falta de ocupação promove, dentre outros sentimentos, a falta de confiança em si mesmo. “*Eu gosto de sair pra trabalhar, conservar minha independência. Ficar sem trabalhar está sendo assim (choro)... eu perdi a minha independência. Eu não me sinto firme com o pé no chão*” (E2).

Ficou evidente a importância da questão financeira de se manterem trabalhando, mas o fator estresse destacou-se, também, nos relatos onde o trabalho era a fonte deste sofrimento, mas não a falta de emprego.

“Me pergunto: será que vale à pena adoecer por causa do dinheiro? Não é um trabalho que me constrói, mas um emprego que me dá sustento” (E2).

O trabalho alavanca minha autoestima. Mas trabalhar como eu estava me sentindo, eu não aguentava mais. Isso não te dá energia, não te dá ânimo. É uma energia negativa pra você. O trabalho tem que vir junto com a energia positiva. Tem que ser bom. O dinheiro não é tudo. Mas tem que fazer parte de um contexto (E2).

O processo de dessocialização ocasionado ao indivíduo que não consegue emprego, como observa Cardoso (2004), promove sofrimentos psíquicos tais como tristeza, medo, desânimo e depressão, comprometendo significativamente, a identidade profissional e psicológica do indivíduo.

“Se você não trabalha não há conversa, não tem assunto” (E3).

Tem dois anos que estou tomando remédio para depressão [...] É muita insônia porque a gente fica pensando, e o dia de amanhã? Ninguém me ajuda, só Deus. Nem direito à aposentadoria tenho ainda, mas já fiz 51 anos. [...]. Porque quando estou em crise, me tranco dentro de casa que não saio. A gente pensa que vai morrer dentro de casa. Hoje amanheci bem, mas será que vou ter dinheiro pra comprar o pão amanhã? Teve momento que pensei que era o meu fim e acabo descontando isso no cigarro. Tem dia que fico nervosa e choro à toa (E1).

Os entrevistados relatam sentir frustração por não estarem trabalhando, devido à alta exigência e competitividade apresentada pelo mercado de trabalho, como evidenciado por Jaques (1999).

“O primeiro sentimento é um sentimento de frustração, sentimento de injustiça. E o outro é um sentimento de incerteza [...]. Incerteza de como arranjar um emprego, o que vai ser, como eu vou me realocar em um momento difícil, o Brasil em uma crise econômica cada vez pior” (E5).

No entanto, a gama de significados, responsáveis pela estruturação da identidade do indivíduo, atribuídos ao trabalho (ARAUJO e ARGOLLO, 2004), ou à falta deste, refletem além dos sofrimentos psíquicos, os sofrimentos sociais, os quais serão analisados no item a seguir.

4.2.4 Categoria 04: Sofrimento social em relação à situação de desemprego

Dentro dessa categoria, pode-se verificar que o desemprego não proporciona aos indivíduos satisfação de suas necessidades, como já apontado por Maslow (1977).

Eu saio somente quando dá, quando dou uma aula! Mas eu tenho evitado sair, porque eu não tenho um dinheiro fixo por mês, então o pouco que tenho eu guardo, para algo que realmente vá precisar (E8)

E os amigos é como se me chamasse para ir ao bar tomar uma cerveja, eu não vou, não tenho dinheiro sabe. É de mim (E7).

Eu fiquei um pouquinho mais fechado, porque você fica um pouco sem ânimo de... de se encontrar. Porque você está preocupado, você não é a melhor companhia, você não está no seu melhor período de humor, não está tão motivado a brincar ou fazer piada que nem normalmente você estaria. Então, automaticamente eu me reclusei... Fiquei um pouco mais recluso, fiquei um tempo sem ver meu irmão. Ele até me ligou: “*E aí cara? Está vivo, está tudo bem?*” (E6).

Percebe-se, através da fala da entrevistada anterior, que o desemprego priva os sujeitos de interagirem socialmente além de causar-lhes dependência financeira de terceiros. Diante do exposto, nota-se que a relação entre desemprego e interação social se relacionam a partir do momento em que o dinheiro proporciona aos indivíduos usufruir de bens ou serviços comuns de acordo ao grupo ao qual pertençam. Evidenciou-se através da fala das entrevistadas que mesmo quando possuem algum dinheiro o guardam para ocasiões que julgam mais importantes, onde a interação social não é privilegiada, pois o fato de estar desocupado faz com que os indivíduos se mantenham inseguros em relação ao futuro. Notou-se que o desemprego, não muita das vezes, não age de forma singular na vida de um indivíduo, mas sim maneira plural, pois acaba por afetar todos que lhe cercam tais como seus familiares e amigos como afirma Jaques (1999).

Posteriormente, buscou-se verificar a influência do tempo na vida do indivíduo desocupado. Álvaro (1992), já apontava que a falta de uma ocupação, quanto maior o tempo ocioso, maior é o sofrimento, tal fato foi verificado através da seguinte fala:

Como eu disse eu me sinto uma ninguém, que nunca mais vou conseguir trabalhar, o tempo está passando e eu não estou conseguindo emprego, é desesperador, eu fico dependendo do dinheiro dos meus pais, isso quando eles querem me dar (E8).

Eu estou tendo muita imunidade baixa. No meu relacionamento anterior, como eu ainda trabalhava, tudo era eu que resolvia. Não sei o que acontece, mas, no meu relacionamento atual, desempregada, acho que eu perdi minha identidade, minha liberdade (E5).

[...] fica mais difícil, porque eu não tenho meu estudo completo, e no ramo do trabalho, você vai ficando mais velha, então é mais difícil que a pessoa te aceite com mais idade (E7).

Identificou-se que o tempo juntamente com a situação de desemprego na vida dos indivíduos podem ter diversas consequências dentre elas destaca-se a perda de identidade como já evidenciado por Araujo e Argolo (2004). Notou-se que o sujeito não consegue mais se enxergar dotado de personalidade e mais uma vez evidencia-se o sentimento de insegurança. Verificou-se, ainda, que a variável “tempo” afeta de duas maneiras distintas a vida desses sujeitos. A primeira consiste em relação ao tempo como fator natural, dias e noites, meses e anos. E a segunda refere-se à ação do tempo na idade dos indivíduos, onde pode-se perceber que quanto mais idade ele tiver, maior serão as barreiras para se reposicionar no Mercado de Trabalho.

Ainda dentro da categoria sofrimento social constatou-se um fenômeno que não foi apontado na literatura utilizada no presente trabalho, sendo ele o sofrimento advindo do desemprego atrelado às questões relacionadas a sexo, gênero e raça.

Com os filhos e amigos não tenho sentimento de vergonha, mas quando eu vou procurar trabalho, tenho um sentimento horrível, fico tão nervosa. Porque eu já fui discriminada por ser negra. E tem a discriminação com a idade também. Eu percebo que eles querem uma mulher nova, com o corpo bonito, da pele clara. Daí eu sempre fico de escanteio. Fui recentemente fazer uma entrevista pra vigilante, mas a psicóloga me encaminhou para a vaga de conservação, porque sou negra e tenho idade avançada (E4).

Nota-se que o sofrimento advindo do desemprego, para certos indivíduos tende a ser mais profundos. Na fala anterior notou-se que a segregação ocupacional ainda permeia o mundo do trabalho, enfatizando qual a função de cada um baseado na sua raça, idade e estereótipo de beleza. Em específico, observou-se que a mulher negra tende a ser excluída não só pela sociedade, mas também pelo próprio mercado de trabalho. Diante do exposto pode-se constatar que o desemprego afeta a vida dos indivíduos de forma macro, pois acaba afetando também todos aqueles que convivem, de forma social, com o indivíduo desocupado. Porém a literatura ainda carece de estudos que abarquem as questões de desemprego frente aos estudos de gênero e raça, por exemplo, tendo em vista que o desemprego afeta de formar distintas homens, mulheres, negros, brancos, entre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo observou-se que os sofrimentos psíquicos que acometem o desempregado, tais como os sentimentos de insegurança, estresse, medo e tristeza, comprometem o progresso e os vínculos de cooperação e solidariedade deste indivíduo junto à sociedade.

Destaca-se, no presente artigo, a evidente importância da segurança financeira proveniente do exercício do trabalho, mas verifica-se a maior exigência da qualidade daquele que é responsável pela formação da identidade ocupacional e social do indivíduo, na busca do sentido estruturante do ser social no mundo contemporâneo.

A obsolescência é um dos fatores promotores da frustração vivenciada pelos indivíduos quando em situação de desemprego, devido à alta exigência e competitividade apresentada pelo mercado de trabalho, promovendo-se a gestão capitalista e trazendo efeitos deletérios para o indivíduo.

Através do exposto pode-se concluir que o desemprego, muita das vezes, não afeta de forma singular a vida dos indivíduos desocupados, mas sim de forma plural, pois acaba por afetar todos que lhe cercam tais como familiares e amigos. Ressalta-se que o tempo, juntamente com a situação de desemprego na vida dos indivíduos, podem ter diversas consequências. Dentre elas destaca-se a perda de identidade, pois trabalho é a fonte atribuidora de significados na vida dos indivíduos. Assim como na pesquisa quantitativa, pode-se verificar nas entrevistas, que o desemprego é um fenômeno que culmina em exclusão social, ou seja, o indivíduo desempregado passa por um processo de dessocialização.

Ressalta-se que o achado dessa pesquisa se encontra na lacuna encontrada na literatura referindo-se a tríade desemprego, gênero e raça. Onde tal achado não foi evidenciado na pesquisa quantitativa, mas sim na qualitativa. As entrevistas proporcionaram desvelar a intensidade do sofrimento causado pelo desemprego por uma perspectiva de gênero, raça e estereótipos. Constatou-se que a mulher negra e de “mais” idade tendem a ser excluída do Mercado de Trabalho, e quando tentam se inserir novamente, encontram barreiras tais como a segregação ocupacional, baseada em contextos históricos de raça e etnia.

Outra evidência do estudo é o sofrimento considerável, dos trabalhadores com mais de 50 anos de idade, podendo ser devido à grande dificuldade de reingressar no mercado de trabalho pela idade. Quanto ao tempo de desemprego, percebe-se um sofrimento maior nos primeiros meses de desemprego e à medida que o tempo vai passando esse sofrimento experimenta uma certa estabilidade, possivelmente pelo desânimo, descrédito ou mesmo costume nesta situação. Outro dado significativo mostra que apesar do predomínio do sexo masculino referente ao desemprego, quem sofre mais com a falta de ocupação são as mulheres. Contudo, não se mostra tão significativo o sofrimento nas mulheres, havendo um sofrimento de modo geral nos sujeitos.

A análise também observou que pessoas divorciadas sofrem mais que se comparados com solteiros, casados e outros, devido, em parte, pela falta de alguém para compartilhar este momento, demonstrando que a família ainda tem um significado importante na vida do indivíduo desempregado. De maneira complementar, esse comportamento poderia estar relacionado à preocupação dos homens em pagar pensão alimentícia e nas mulheres em depender exclusivamente do ex-marido.

Pode-se concluir, contudo, que dentre as variáveis observadas (idade, sexo, tempo de desemprego e estado civil) existe um “Sofrimento Psíquico” (64,5%) bastante relevante. No entanto, não existem políticas públicas e são poucos os trabalhos existentes que oferecem suporte psicossocial, orientações aos trabalhadores na busca por novos empregos, e que contribuam para minimizar estes impactos sobre a saúde física e mental dos sujeitos, auxiliando na valorização destes enquanto seres humanos, de forma que aguardem resultados positivos de um jeito otimista, sem perder sua produtividade, confiabilidade e identidade, de modo que este momento não o atrapalhe em suas próximas recolocações.

REFERÊNCIAS

- ABS, D. e MONTEIRO, J. K. **Práticas da psicologia clínica em face do sofrimento psíquico causado pelo desemprego contemporâneo**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.15, n. 2, p.419-426, abril/junho, 2010.
- ANTUNES, R. **Mercado Informal, empregabilidade e cooperativismo: as transformações das relações de trabalho no mundo contemporâneo**. Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho, 2, 55-72, 1999.
- ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2008.
- ALVARO, J. L. **Desemprego e bem estar psicológico**. Madri: Sigilo XXI, 1992.
- ARAUJO, M. A. e Argolo J. C. T. **O Impacto do desemprego sobre o bem estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal**. RAC. v. 8, n. 4, p.161-182, out/dez. 2004.
- AZEVEDO, J. T.; BOGRE, C. M.; BOMBARDI, V. M.; CHEN, C. M.; MAMPO, I. E; MARTINS, N. A. **As estratégias de sobrevivência e desemprego adotadas pelos desempregados**. Cadernos de Psicologia Social 1. (1): 15-42, 1998.

BAJOIT, G. e FRANSSEN, A. **O Trabalho, Busca de Sentido**. Revista Brasileira de Educação, v.6, p.76-96, 1997.

BARDIN, L.. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977

BAUER, M. W., & AARTS, B. (2002). **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: BAUER, M. W., & GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CALEIRAS, J. **Globalização, Trabalho e Desemprego: trajetórias de exclusão e estratégias de Enfrentamento**. Faculdade de Economia – Universidade de Coimbra, 2004.

CARDOSO, G. R. **Estou Desempregado, Não Desesperado: a Vivência do Desemprego para Trabalhadores Freqüentadores do SINE de Florianópolis**, 2004.

CHAHAD, J. P. Z. **Os impactos psicológicos do desemprego e suas conseqüências sobre mercado de Trabalho**. Revista da ABET, vol. 5, n. 1, janeiro/junho. 2005.

DEDECA, C. **O Desemprego e o seu diagnóstico hoje no Brasil**. Revista de Economia Política, vol. 18, n.1 (69), janeiro-março, 1998.

Dejours, C..**A Banalização da Injustiça Social**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DEJOURS, C. **Trabalho Vivo, Trabalho e Emancipação**. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DEJOURS, C.; BÈGUE, F. **Suicídio e trabalho: o que fazer?** Sobradinho (DF): Paralelo 15; 2010.

FORD, H. **Minha vida e minha obra**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1922.

GASKELL, G. (2002). **Entrevistas individuais e grupais**. In: M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Org.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes.

GAULEJAC, V. **Gestão como Doença Social: Ideologia, Poder Gerencialista e Fragmentação Social**. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HAYES, J.; NUTMAN, P. **Understanding the unemployed: the psychological effects of unemployment**. London: TavistockPublicationsLtd, 1981.

JACQUES, M. G. **Identidade e trabalho**. Em: A. D. Cattani (Org). Trabalho e Tecnologia. Dicionário Crítico, p. 127-131. Petrópolis: Vozes, 1999.

KRAWULSKI, E. **Evolução do conceito de trabalho através da historia e sua percepção pelos trabalhadores de hoje**. Dissertação de Mestrado em Administração Publica. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MACEDO, Lucinda M. da R. **Desemprego e suas relações com a identidade**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992.

McCRACKEN, G. **The long interview**. Ontario: Sage, 1988.

MAGALHÃES, N. e CAMARGO, J. A. **Não é coisa da sua cabeça**. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2012.

MASLOW, A. H. **Introdução à Psicologia do Ser**. 2. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

MENEZES-FILHO, A. N. **A Evolução no Brasil e o seu impacto no mercado de trabalho**. São Paulo, 2001.

MINGIONE, E. **Fragmentação e Exclusão: A Questão Social na fase Atual nas Cidades nas Sociedades Industriais Avançadas**. Revista de Ciências Sociais, 41(4), 1998.

OIT, Organização Mundial do Trabalho. **OIT: 1,7 milhões de pessoas ingressaram nas filas do desemprego em 2015 na América Latina e Caribe**.
http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_435181/lang--pt/index.htm acesso em: 19 jan. 2016.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SENNETT, R. **A Cultura do Novo Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **A Corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SINGER, P. G. **Globalização e Desemprego**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Desemprego e exclusão social**. São Paulo em Perspectiva, 10(1), 1996.

SOUZA, J. **Educação e Qualificação Profissional como Determinantes de Inserção no Mercado de Trabalho Brasileiro**. Programa de Pós Graduação, 2004.